



Cristóvão da Costa Africano

Imagens do Mundo Natural Asiático na Obra Botânica de Cristóvão da Costa

TERESA NOBRE DE CARVALHO*

*Africa te genuit, fertilis & Asia pavit,
Tē nunc Europa, Doctor Acosta, tenet*

Nos textos introdutórios do *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales*

NOTAS BIOGRÁFICAS

Cristóvão da Costa (c. 1530-c. 1594)¹ foi médico, cirurgião, naturalista, pensador, artista. Assume-se que nasceu no continente africano². Muito pouco se sabe sobre a sua juventude. Dos seus estudos, apenas se pode afirmar que cursou medicina e cirurgia. A sua fluência no idioma castelhano permite admitir que frequentou universidades espanholas. Partiu a 7 Abril de 1568 para o Oriente, integrando, como médico e cirurgião, a armada de D. Luís de Ataíde, 10.º vice-rei da Índia³. Chegou a Goa em Outubro do mesmo ano⁴. Dada a sua formação académica e as suas preocupações profissionais, pode admitir-se que uma das suas leituras a bordo fosse o volume dos *Colóquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da Índia* de Garcia da Orta⁵, editado em Goa em 1563. Da mesma forma poder-se-á adivinhar a curiosidade do médico, ao acostar Goa, em procurar o autor da obra. Costa,

na carta que dirige ao leitor⁶, afirma “E encontrei nas Índias Orientais com o Doutor Garcia de Orta, médico português e varão grave, de raro e peregrino engenho...”. Cristóvão da Costa permaneceu alguns anos na Índia, ao serviço do vice-rei. Participou, como lhe competia no cargo que ocupava, nas campanhas militares. Tal como o Dr. Juan Costa refere e o seu amigo D. Pedro Manrique confirma⁷, Cristóvão da Costa conheceu cativos e prisões. No capítulo da pimenta⁸, Costa testemunha que o “capturaram no Malabar”. Ao longo do *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales* o médico conta a sua passagem pelos “bosques de Cangranor, junto ao rio Mangate”⁹, fala das viagens às ilhas da costa ocidental da Índia¹⁰, refere a “residência na cidade de Santa Cruz de Cochim”¹¹ e testemunha a sua actividade clínica no Hospital Real de Cochim¹². Em Novembro de 1571 encontrava-se em Tanor, onde viu o “sambarane”¹³, admirou o espódio¹⁴ e conheceu o escrivão de câmara do rei de Tanor (que comia diariamente cinco dracmas de ópio)¹⁵.

Da permanência de Cristóvão da Costa por terras orientais pouco mais se sabe. Têm sido referidas peregrinações à longínqua China, à Pérsia, a Damasco, a Jerusalém ou ao Cairo. Das palavras do médico não se consegue estabelecer um percurso definitivo. A análise das gravuras que inclui no *Tractado de las drogas* pode ser uma ajuda preciosa para colmatar esta falta de dados. Plantas como as do cravinho ou a noz-moscada, oriundas respectivamente das Molucas ou de Banda, não parecem testemunhar o mesmo realismo pictural que o tamarindo, a canela ou a árvore-triste. Podemos admitir que Costa nunca as viu nas ilhas de origem. Também o pau-de-maluco, “originário

* Licenciada em Engenharia Agronómica e Mestre em Protecção Integrada pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa. Dedica-se ao estudo da contribuição dos autores quinhentistas para a divulgação do saber sobre o mundo natural.

Degree in Agronomy and M.A. in Integrated Protection from Lisbon's Instituto Superior de Agronomia, her work focuses on the contribution made by 16th century authors to disseminating information on the natural world.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I



Esta tafado en ciento ynouenta y dos marauedis.

Frontispício do *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales*, de Cristóvão da Costa, Burgos, 1578.

daquelas partes de Maluco”¹⁶, que o médico conta ter-lhe sido apresentado por D. Luís de Ataíde no ano de 1571, parece evidenciar que Costa nunca viajou até este arquipélago. Já o facto de ter desenhado “como testemunha de vista” os duriões¹⁷, frutos perecíveis e incapazes de suportar grandes viagens, nos pode levar a assumir a sua deslocação mais para Oriente, talvez até Malaca, região onde estes frutos abundam.

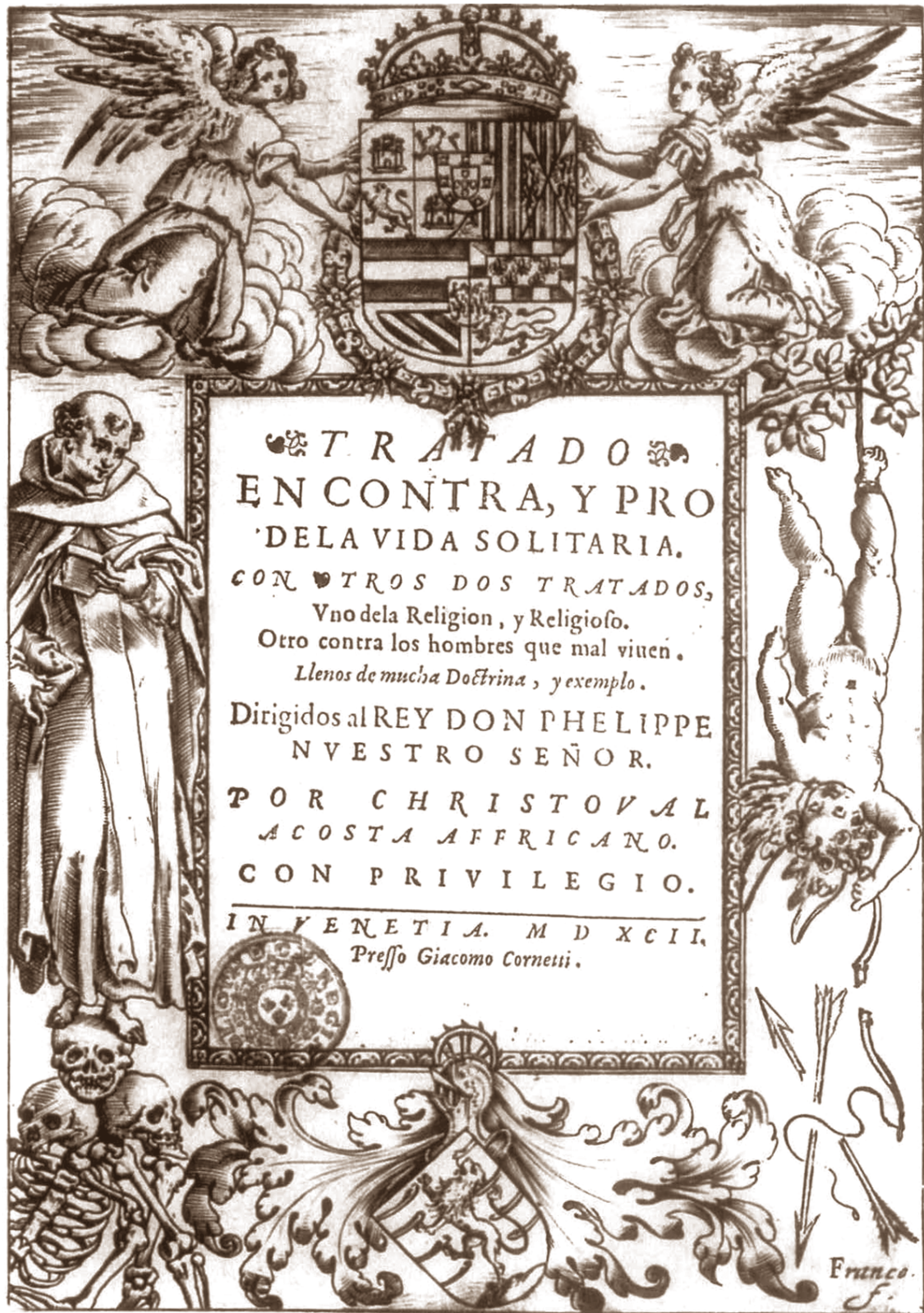
Pode admitir-se que a proximidade de Cristóvão da Costa a D. Luís de Ataíde não se tenha limitado à passagem pela Índia. O 3.º conde da Atouguia¹⁸ combateu em África, acompanhou D. Estevão da Gama na gloriosa expedição ao mar Roxo e integrou os contingentes militares que se bateram com os seguidores de Lutero. Em algum destes momentos, o médico e o fidalgo podem ter-se cruzado. Supõe-se

que Cristóvão da Costa regressou de Goa em Janeiro de 1572, acompanhando “D. Luís de Ataíde, homem muito prudente e animoso”¹⁹. Costa deve assim ter participado nos festejos que acolheram o vice-rei à sua chegada ao Tejo, seguindo o cortejo que conduziu e aclamou o seu “valerosíssimo capitão”²⁰ até à igreja de S. Domingos.

Ao certo sabe-se que em meados da década de 1570 Cristóvão da Costa vivia na Península Ibérica. Em Abril de 1576 assinou um contrato por três anos com a cidade de Burgos, que o acolheu como médico municipal²¹. Nesta altura parece claro que Costa já dera provas de competência técnica naquela cidade. Pode, assim, admitir-se que a decisão da instalação em Burgos terá decorrido rapidamente entre Julho de 1572 e finais de 1575. As razões da translação geográfica de Lisboa para Castela estão ainda por esclarecer, mas o jovem Dr. Juan Costa²² pode ter tido alguma influência. O catedrático de Retórica da Universidade de Salamanca parece ter sido o principal responsável pela publicação do *Tractado de las drogas* (Burgos, 1578), dado que na carta que dirige ao leitor deixa bem claro o esforço que teve que desenvolver para convencer o nosso médico a publicar a sua obra. Tal empenho depreende-se das palavras que lhe dedica: “... o Doutor Cristóvão da Costa, médico doutíssimo [...] temia o dar à luz esta obra [...]. Pareceu-me tão mal este encolhimento, que o importunei, fatiguei, movi e forcei, a que vencendo o temor o seu bom zelo, quebrasse este gelo, e depositasse nas tuas mãos a limpidez da sua intenção...”²³. A hesitação de Costa em publicar as suas observações e reflexões é comum a todas as obras que edita. Em cada uma delas, Costa revela-se reticente em divulgar a sua leitura do mundo. Em 1581 o médico viu o seu orçamento reforçado. O Senado de Burgos propôs-lhe um novo cargo, devidamente remunerado, o de médico dos pobres²⁴.

Nesta altura já Costa teria família formada²⁵ e eram-lhe reconhecidas qualidades profissionais adequadas ao desempenho do lugar proposto. Cristóvão da Costa manteve as suas funções até que a viuvez, por volta de 1587, o levou a afastar-se de Burgos²⁶. Optou então por uma vida de reflexão e de isolamento. Apesar da austeridade da sua nova existência, Costa não se alheou do mundo. Manteve a sua actividade clínica,

Frontispício de *Tratado en contra, y pro de la vida solitaria*, de Cristóvão da Costa, Veneza, 1592.



OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

multiplicou os cuidados com o seu jardim botânico e prolongou a relação epistolar com os seus amigos, que afirmava “visitar com as suas cartas”²⁷. Apenas se afastou da vida em sociedade. O médico procurou assim aquilo que designou num dos seus tratados venezianos “uma santa e sossegada vida”.

Ao longo da sua vida, Cristóvão da Costa publicou três tratados. Em 1592 editou em Veneza duas pequenos obras: *Tratado en contra y pro de la vida solitaria. Con otros dos tratados, uno de le Religion y Religioso, Otro contra los hombres que mal viven* e o *Tratado en loor de las mugeres, y de la castidad, onestidad, constancia, silencio, y justicia: con otras particularidades, y varias historias*. O primeiro é dedicado a Filipe II, enquanto que o segundo é dirigido à infanta D. Catarina de Áustria.

Cristóvão da Costa, através do seu testemunho e das muitas histórias verídicas ou verosímeis que conta, procura, nestes tratados venezianos, emendar os erros da sociedade que decidiu abandonar e apontar modelos de vida que ajudem os seus leitores a tornar-se “gentes louváveis”. Em muitos dos exemplos apresentados ressoa o espírito pós-Conciliar. A argumentação defendida por Costa, fruto da sua experiência ou oriunda de fontes clássicas, é sinal da sua enorme erudição.

De todas as obras que publicou, aquela que lhe deu projecção no mundo erudito de então foi o *Tractado de las drogas*, um volume *in octavo*. Ao longo das suas quase 450 páginas encontram-se distribuídas cerca de meia centena de figuras. O seu formato agradável e os diversos índices remissivos tornam este *Tractado* atractivo e de fácil consulta, não apenas para a comunidade erudita, mas também para mercadores, navegantes ou simples curiosos.

OPORTUNIDADE DO TRACTADO DE LAS DROGAS

Numa Europa que ao longo dos séculos XV e XVI embateu com uma natureza exuberante ressaltou uma enorme curiosidade pelo mundo natural exótico. A descrição das riquezas orientais foi sendo encomendada a par do avanço territorial. O *Livro do que viu e ouviu no Oriente* de Duarte Barbosa (1516), a *Suma Oriental* de Tomé Pires (1515) e a *Enformação* de Simão Álvares (1546-1548) registaram o Oriente. Seguindo um percurso oeste-este, descreveram cidades e portos, populações e culturas, mercados e mercadorias, luxos e opulências, plantas e especiarias. Apesar destas obras

não serem integralmente publicadas no século XVI, o conhecimento por elas veiculado chegou às cortes ocidentais.

Oviedo y Valdez publicou em Toledo, em 1526, a *Natural historia de las Indias*, uma das primeiras impressões sobre as Índias Ocidentais. Nela descreveu plantas, animais e minerais das *Indias y islas y terra firme y mar oceano*. A obra deste governador de Santo Domingo, tal como alguns dos manuscritos portugueses, foi mais tarde parcialmente traduzida por Giovanni Battista Ramusio e integrada, em 1550, num dos volumes de *Delle Navigazioni et Viaggi*, texto extensamente vulgarizado entre pilotos, mercadores, banqueiros, nobres e sábios da época.

Pierre Gilles foi enviado por Francisco I ao Próximo Oriente à procura de informações novas e de manuscritos antigos. Da sua atribulada passagem pelo Mediterrâneo Oriental apenas se salvaram algumas notas que, após a sua morte, foram compiladas numa pequena obra publicada em 1561, em Lyon, *Descriptio nova elephantii* (reed. 1565). Um opúsculo sobre o elefante foi publicado separadamente em 1614. Também Pierre Belon du Mans viajou para leste acompanhando as deslocações dos embaixadores de Francisco I junto da Sublime Porta. Durante a sua estadia no Próximo Oriente, Belon du Mans teve a oportunidade de visitar numerosas cidades. As suas notas sobre a geografia, a etnografia e o mundo natural daquele extremo do Mediterrâneo foram publicadas em Paris, em 1553: *Observations de plusieurs singularitez & choses mémorables trouvées en Grèce, Asie, Iudée, Egypte, Arabie & autres pays estranges*. Considerada uma verdadeira enciclopédia sobre o Império Otomano, atraiu o interesse da comunidade erudita europeia, tendo conhecido numerosas reedições durante o século XVI. Carolus Clusius, no *Exoticorum libri decem* (Leiden, 1605), incluiu a versão latina desta obra de Pierre Belon.

Filipe II incumbiu Francisco Hernandez do estudo do mundo natural do Novo Mundo. Naquela que foi considerada a mais importante expedição “científica” organizada pelo *Rei Prudente*²⁸, o protomédico real foi o primeiro europeu a descrever a flora mexicana e filipina, assim como alguns endemismos da China. Desta polémica e prolongada expedição (1570-1577) que Hernandez conduziu pelas Índias Ocidentais, além da descrição detalhada de riquezas de flora e fauna totalmente novas, destacou-se a regularidade das trocas comerciais entre Manila e Acapulco, bem

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

como o consequente acesso à China e às mercadorias orientais²⁹. A chegada às Filipinas e a instalação de um mercado castelhano no Extremo Oriente possibilitaria, entre outras coisas, a abertura a Castela de novos canais de distribuição das mercadorias, até então nas mãos dos portugueses³⁰.

Se o interesse pelas Índias é inquestionável também parece inequívoca a curiosidade e admiração que toda a Europa nutre pelo Celeste Império. Tal como Garcia da Orta, Cristóvão da Costa revela um enorme fascínio pela China e pelos “chins”, que qualifica de “polidos”³¹ e “gentes discretas, sabidas e curiosas”³². Costa refere-se aos “chinas” como excelentes navegantes e hábeis mercadores. Grandes consumidores de âmbar, custo, cubebas, folio-índio, cate, galanga, marfim, pimenta, pedra-bezoar, raiz-da-china ou ruibarbo, entre outros aromas e especiarias, os “chins” aparentam ter uma enorme facilidade de contacto com mercadores árabes, persas, indianos, javaneses ou malaaios. No capítulo que reserva à cânfora, Costa não esconde a sua admiração pela China, que, segundo afirma, “em grandeza de reino, em número de gentes, em excelência de polícia e de possessões, e riquezas e em governo, excede a qualquer outro reino do mundo”³³.

Das riquezas que vêm da China, Cristóvão da Costa adianta:

“entre as muitas e diferentes mercadorias, e coisas que vêm da China, são muitas diferenças de vasos de prata mui ricamente lavrados, todo o serviço de casa, e de leitos, e catres para dormir: todos feitos de prata de relevo, e ao buril delicadissimamente lavrada : tanta qualidade de seda solta e tecida, que por não pôr em dúvida os leitores calarei neste lugar. Vem também muito ouro, à mistura, aljôfar, azougue, cobre, vermelhão, muita porcelana, e dela tal que vale duas vezes mais do que a prata : e outras muitas coisas assim como de mercadorias como de curiosidades.”³⁴

Cristóvão da Costa escusa-se a acrescentar mais detalhes sobre a China. No seu *Tractado de las drogas* aconselha “quem quiser ver parte do muito que na China há, leia o livro que fez o Reverendo padre Frei Gaspar da Cruz, da Ordem de S. Domingos”³⁵. A obra em causa, *Tratado em que se contam muito por extenso as coisas da China* (Évora, 1569-1570), parece ter inspirado também o *Discurso de la Navegación* que Bernardino de Escalante editou em Sevilha em 1577³⁶.

O incremento do número de obras sobre o mundo natural das Índias publicadas em castelhano demonstra o interesse crescente de Filipe II pelas riquezas naturais ocidentais e orientais, cada vez mais acessíveis aos mercadores de Castela. Foi assim, neste contexto, que Cristóvão da Costa editou, nas oficinas de Martin Vitoria, o *Tractado de las drogas* que dedicou ao Senado de Burgos. Apesar de se basear na obra de Garcia da Orta, Dr. Juan Costa afirma:

“E embora se deva nesta matéria muita diligência do Doutor Garcia de Orta, que a trabalhou com muita curiosidade, mas eu conferi a sua obra com esta e a achei tão outra que podemos dizer, que Orta só esboçou as primeiras linhas, e que Costa pôs as cores vivas: pois pôe em perfeição o que ele havia começado.”³⁷

Na verdade, o *Tractado de las drogas* denota importantes diferenças relativamente aos *Colóquios dos simples* de Garcia da Orta³⁸. Costa reorganiza as ideias expostas por Orta; apresenta capítulos estanques, cada um referindo uma planta ou uma especiaria distinta. O texto segue uma ordem precisa. Cristóvão da Costa tenta objectivar o discurso, retirando-lhe as referências a acontecimentos políticos relacionados com a presença portuguesa na Índia. Acima de tudo, exclui alusões menos convenientes sobre a política externa castelhana. O médico procura ilustrar o mundo asiático no seu texto. Acrescenta-lhe alguns exemplos concretos reveladores da sua própria experiência e também novas plantas, algumas de origem asiática, outras de origem americana aclimatadas pelos portugueses ao Oriente. Do mesmo modo amplia os conhecimentos referentes à medicina local; suprime referências a minerais e pedras preciosas; enriquece a obra com gravuras; mostra-se particularmente cauteloso nas referências aos hábitos e vivências locais. O volume de Costa aparece assim como um texto muito mais próximo das obras de História Natural redigidas na Europa que o de Orta.

No entanto, um discurso ainda rígido testemunha a desarticulação entre palavra e objecto. A descrição de plantas, recorrendo a comparações com espécies comuns na Europa, revela esta carência de terminologia “botânica” que só mais tarde será colmatada. Se bem que o *Tractado* testemunhe um maior cuidado na escolha do vocabulário utilizado do que os *Colóquios*, o que é certo é que à data da sua publicação a comunidade erudita europeia ainda procurava criar um léxico

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

próprio para designar e descrever a multiplicidade do mundo natural. O estilo literário poderia ser, segundo Costa, “mais elegante”, mas na sua frontalidade o médico afirma “aprecio dizer mais as verdades certas, que palavras limadas”³⁹. No entanto, a palavra não chega para descrever aquilo que observa. Cristóvão da Costa parece necessitar do esboço para complementar a dissertação. A grande inovação de Costa relativamente a Orta é a inclusão de 47 desenhos. Figuras distintas daquelas que as oficinas do Norte da Europa divulgaram. Gravuras com um estilo próprio, reveladoras de uma preocupação de uniformidade gráfica da obra ou de uma forma diferente de interpretar a Natureza.

REPRESENTAÇÕES DE PLANTAS

Na Europa do Norte, desde Dürer (1471-1528) que o mundo natural era olhado e lido com detalhe. As plantas, em Brunffels⁴⁰, Fuchs⁴¹ ou Bock⁴², eram analisadas em pormenor. De cada folha desenhavam-se as nervuras e os recortes. De cada flor, representavam-se as particularidades das pétalas, das sépalas, dos estames ou dos carpelos. Os autores dos *naturalia* não queriam deixar escapar nenhum elemento, eventualmente crucial, para uma possível ordenação do mundo natural. Para os botânicos do Norte da Europa, tudo devia ser registado. O realismo das imagens visava o registo de um exemplar particular⁴³. Tal não parecia ser a visão de Veneza. A *Sereníssima*, conhecida pelas suas escolas picturais mais preocupadas com o volume e a cor do que com o rigor milimétrico da figura, parecia ter outra forma de ler o mundo natural. As obras de Mattioli⁴⁴, profundamente ilustradas, apresentavam um mundo vegetal volumoso e corpulento com dificuldade em fixar-se à superfície plana. A folhagem das árvores não cabia no espaço que lhes era destinado na página. As folhas apareciam dobradas, querendo ultrapassar os limites impostos pelo editores. Os frutos eram tridimensionais. As raízes ancoravam as plantas ao meio. As imagens dinâmicas deviam o seu movimento ao contraste luz-sombra dado por conjuntos de linhas paralelas⁴⁵.

Costa, com as representações estilizadas e quase que alegóricas das plantas, revela estar mais próximo desta sensibilidade artística do que da visão analítica do Norte da Europa. O seu traço nítido define com clareza o objecto. O contraste claro-escuro evidencia o volume da representação. A disposição das figuras

revela o equilíbrio da composição. No seu *Tractado de las drogas* não reserva um canto da folha para colocar a ilustração. Cada planta representada ocupa a totalidade da superfície disponível.

Cristóvão da Costa é inequívoco quanto ao seu objectivo em publicar a obra quando afirma:

“a minha única intenção [neste Tratado] é, como testemunha de vista, satisfazer com a pintura o verdadeiro retrato destas plantas.”⁴⁶

Com estas palavras, o médico deixa bem clara a sua principal motivação: a reprodução esquemática da Natureza observada. Sempre que pode, desenha as plantas com raiz, folhas e flores. Como nos revela, as figuras permitem um fácil reconhecimento das plantas mas desenhá-las “só o poderá fazer quem ocularmente com os seus mesmos olhos os houvesse visto, e experimentado”⁴⁷. Na sua atribulada passagem pelo Oriente, Cristóvão da Costa não só registou as práticas médicas locais, que confrontou com aquelas que aprendera na Europa, como gravou o que viu. As plantas foram desenhadas “ao vivo”. Cristóvão da Costa parece ter reencontrado, no exotismo da Índia e naquilo que ele representa, a sua própria juventude passada em terras africanas⁴⁸.

Por vezes, quase como se de um herbário de folhas secas se tratasse, Costa evidencia uma folha⁴⁹ que, segundo ele, permite identificar claramente a planta correspondente. O mesmo tipo de representação já se tinha verificado no *Delle Navigazione et Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio (1550), nomeadamente no *Sommario di tutti li regni citta, & popoli orientali....* O italiano ilustra as duas páginas de *la foglia del Betelle*. Ao mostrar esquemas de folhas, Costa, tal como Ramusio, parece querer mostrar aos viajantes e mercadores o aspecto da planta que devem procurar no longínquo Oriente.

Um dos elementos curiosos das ilustrações de Costa, apesar de não constituir facto inédito, é a coexistência de flores e frutos na mesma figura. Costa insiste na presença da flor. A flor é um elemento omnipresente no quotidiano da Índia. A representação das flores parece ser essencial para a identificação da planta. O carácter decorativo das peças florais é fundamental para colmatar a ausência de cor do seu desenho. Costa apenas consegue colorir as ilustrações recorrendo à palavra. Na descrição das plantas distingue os amarelos: claro, “verdoso” ou açafraão; diferencia as tonalidades de verdes: claros, escuros ou vivos;

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

nota as gradações de rosas, vermelhos, púrpuras ou roxos; discrimina o matiz dos azuis. Frequentemente recorre à figura para complementar o discurso. As suas ilustrações, além de ornamentais, parecem revelar uma preocupação didáctica. A representação tem por isso uma função plástica, mas também pedagógica. Se o jambo⁵⁰ é desenhado por ser “tão apazível à vista, e tão suave no aroma e tão grato no sabor que é digno se pinte e se faça memória dele”, outras plantas são ilustradas para facilitar a sua identificação ou emendar ideias erradas. Deste modo, Costa corrige a informação que corre sobre o gengibre⁵¹, que “não é assim mas como está figurado”; ou a respeito dos âmbares⁵², “que não são daquela figura mas sim como está pintada”. A gravura serve igualmente para realçar a exactidão da informação dada: a folha da canela⁵³ “tem três nervos como na figura se mostra”; enquanto que a da pimenta⁵⁴ “é do tamanho que acima se pinta”. Já o pau-de-cobra⁵⁵ “tem só três folhas que aqui estão pintadas” e o caule do banguê⁵⁶ “é da grossura deste que está pintado”.



Costa tem a preocupação de desenhar as raízes das árvores. Se bem que tal se possa dever aos facto de muitas raízes poderem elas próprias ser usadas na produção de fármacos, o artista parece querer olhar a planta como um todo. Não se pense, no entanto, que a representação da totalidade da planta é uma novidade de Costa. Brunffels⁵⁷ e Fuchs⁵⁸ já o tinham feito anos antes.

No entanto, Costa parece opor-se ao modelo de representação proposto pela casa Plantin, de Antuérpia. Senhores, pela mão de Clusius⁵⁹, da divulgação europeia do mundo natural exótico, os desenhadores das oficinas de Christophe Plantin⁶⁰ apenas ilustram a parte da planta com valor comercial. A versão latina que Clusius fez da obra de Garcia da Orta⁶¹ possui algumas ilustrações. O desenhador e o gravador da casa Plantin esboçam as folhas e frutos “à vista”. Não plantas inteiras, mas apenas as partes comercializadas nos mercados europeus⁶². Costa parece não partilhar desta visão utilitarista do mundo natural asiático. No meio de uma natureza luxuriante não se encontram ramos de cravinho ou cachos de pimenta como o *Aromatum et simplicium* parece propor. As 47 gravuras de Costa procuram mostrar elementos vivos de um mundo rico e diverso.

INTÉRPRETES DO *TRACTADO DE LAS DROGAS*

Clusius conheceu a obra de Cristóvão da Costa em 1581 durante uma deslocação a Londres. Nesta viagem teve a oportunidade de contactar com Sir Francis Drake que, além de informações fidedignas sobre o mundo natural oriental, lhe cedeu plantas exóticas para o seu jardim botânico. Na sequência dos seus contactos londrinos, o médico de Arras publicou em Antuérpia, em 1582, duas pequenas obras. A primeira, um resumo do *Tractado de las drogas, Christophori Acosta, medici et cheirurgi: Aromatum & medicamentorum in orientali india nascentium liber*. Nela adapta a ilustração da árvore do cravinho desenhada pelo médico de Burgos. A segunda, *Aliquot notae in Garciae Aromatum Historia*, é uma compilação de informações complementares aos *Colóquios dos simples*. A obra apresenta uma ilustração do “betre” que mais do

“Castania”, in Leonard Fuchs, *De historia stirpium commentarii insignes*, Basileia, 1542.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

que seguir o realismo habitual da casa Plantin parece seguir o testemunho gráfico de Costa.

A referida proximidade gráfica de Veneza relativamente a Cristóvão da Costa também pode constatar-se pela fidelidade com que Francesco Ziletti traduz, quase palavra a palavra, o *Tractado de las drogas*⁶³ e pelo cuidado que investe em copiar cada traço das suas figuras.

As figuras de Costa foram adaptadas por outros autores que se debruçaram sobre o mundo natural oriental, constituindo o *Traicté des drogues*⁶⁴ (Lyon, 1602) de Antoine Colin (a versão francesa do *Aromatum* de Clusius) apenas uma das obras que adoptaram o grafismo criado pelo nosso médico.

UMA NATUREZA A DESCODIFICAR

Para Cristóvão da Costa, a leitura do mundo natural exótico exige um olhar inteligente. A Natureza é fonte de alegorias e símbolos. No curto capítulo que dedica à erva-viva⁶⁵, o médico descreve uma pequena planta que parece murchar quando se lhe toca com a mão e reverdeja quando a mão dela se afasta. Com algum orgulho Costa afirma: “a erva vi eu, e colhi-a com toda a sua terra sem a tocar, e plantei-a num jardim onde se conservou”. A experiência permite-lhe assim ultrapassar um limite.

A erva-mimosa, outra destas plantas que intriga o médico, “tem esta outra propriedade muito diferente da árvore-triste, que é, em todas as noites, em se pondo o Sol, envelhecer, e secar, de maneira que parece morta, e em saindo o Sol volta a reverdecer: e quanto mais forte está o Sol, ela mais fresca. E em todo o dia anda voltando as folhas contra o sol”⁶⁶. Esta erva concilia a delicadeza da erva-viva com a susceptibilidade à luz. A

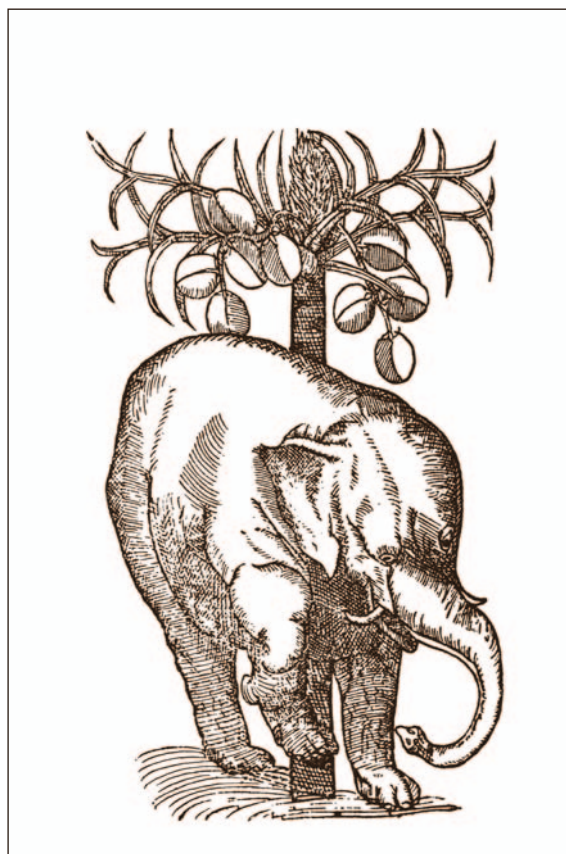
fotossensibilidade caracteriza também a desconcertante árvore-triste. A planta e a lenda da filha de Parizataco parecem fascinar o médico, assim como os europeus mais diligentes. Costa testemunha que “Muitos Vice-Reis da Índia e capitães e outras pessoas particulares pretenderam trazer esta planta a Portugal, e não saíram com ela” e complementa esta informação afirmando, com alguma ironia: “No Malabar, e em Goa, e no seu arredor, se cria de tal modo, que qualquer ramo desta árvore que metam na terra, prende”⁶⁷.

Ao longo de todo o século XVII muitos botânicos

europeus retomarão a lenda da árvore-triste⁶⁸, mantendo viva esta imagem da Índia e revelando o misto entre real e imaginário, objecto e símbolo, que continua a coexistir na construção do saber. Mas a singularidade da Índia nunca deixa de surpreender Costa, que não esconde a sua surpresa ao falar do sargaço, planta marinha que teve a oportunidade de observar uma vez em que se achou “numa paragem com calma”⁶⁹. Apesar do esforço dos grumetes em afastar “estas matas” junto à nau, o naturalista não lhe encontrou raízes nem solo a que elas se pudessem ancorar. A obra do médico apresenta assim plantas admiráveis e novas, ricas de simbolismos e dignas de um gabinete de curiosidades de qualquer erudito europeu. É de assinalar a ausência no *Tractado de las drogas* de todas as pedras

preciosas que Orta tanto valoriza. Costa poderá ter optado pela exclusão deste mundo inerte por o considerar oposto do reino vegetal vivo e dinâmico⁷⁰.

As figuras mais dinâmicas da obra de Cristóvão da Costa são as que insere no “Tratado do Elefante”, um capítulo que o médico quis manter fora do *Tractado de las drogas* sem no entanto o separar dele, dado que são editados em conjunto. Baseando-se



“Elefante arrimado à palmeira”, in Cristóvão da Costa, “Tratado do Elefante”.

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

no Colóquio XXI de Garcia da Orta, “Do ebur ou marfim, e do ellefante”, um colóquio que “não faz para fisica se não para pasatempo”⁷¹, Costa reconstrói a ideia de Orta. Para tal, apoia-se nos textos de Plínio⁷², Eliano e Pierre Gilles, procurando nos textos antigos e modernos enquadramento para as suas observações.

Tal como nos bestiários medievais, o animal não existe por si mesmo mas enquanto portador de uma multiplicidade de sentidos⁷³. As referências a histórias sobre estes paquidermes e os registos cuidadosos sobre os comportamentos sociais dos elefantes revelam não apenas a admiração do médico por estes animais, que lhes atribui características e qualidades humanas, mas também o reconhecimento do seu valor cultural. Os pequenos episódios que vai contando validam ou corrigem as ideias que circulam sobre estes animais. A verdade sobre os elefantes deixa de ser patenteada por Plínio ou Eliano para passar a pertencer ao quotidiano asiático. Muitas das histórias que Garcia da Orta conta sobre os elefantes são retomadas por Cristóvão da Costa. As anedotas, presenciadas pelos autores ou contadas por “gentes dignas de fé”, tornam-se nas versões modernas das alegorias de Plínio. Os acontecimentos com estes animais, testemunhados pelos portugueses da Índia, passam a constituir a verdade sobre estes paquidermes.

O elefante é o Deus dos deuses da Índia, mas é também, desde a Antiguidade, a encarnação de todo o tipo de virtudes⁷⁴. Costa descreve-o como um animal enorme, com grandes orelhas e olhar vivo, dócil, sensível, casto, envergonhado, obediente, inteligente, respeitador, altruísta, capaz de reconhecer

quem lhe faz bem, defensor dos fracos, que apesar de ser um animal pacífico é usado na guerra. Encostado à palmeira, talvez um pouco desequilibrado, ou armado de torres, o paquiderme é manso. O elefante ilustrado tem mais personalidade do que o soldado que surge representado de perfil, o mesmo que aparece no estandarte.

Cristóvão da Costa analisa a conduta destes paquidermes, parecendo centrar a sua preocupação no estudo etológico dos elefantes. Interpreta as suas atitudes atribuindo-lhes motivações humanas. Talvez

não sejam os elefantes, enquanto animais soberbos, que estejam a ocupar um lugar de evidência no texto do médico, mas a leitura metafórica do que estes representam. O sentimento que encontramos no “Tratado do Elefante” relativamente a estas delicadas bisarmas parece encontrar eco naquela rectidão de carácter que Costa vem mais tarde a defender nos seus tratados venezianos. As qualidades que o médico louva nos elefantes são características que pretende encontrar nas pessoas louváveis. Costa procura fazer passar a sua mensagem recorrendo a uma leitura alegórica do *Livro da Natureza*⁷⁵.

O “Tratado do Elefante”, tal como o “Colóquio do betre” de Garcia da Orta, surge como uma imagem da Índia.

Prendas de valor ou sinais de poder, a presença do popular Ganesh na profunda e espiritual Índia só encontram paralelo no ubíquo betre. Com o seu *Tractado de las drogas*, Cristóvão da Costa revela à Europa um mundo oriental fervilhando religiosidade e riqueza interior, vivendo em profunda e serena harmonia com a cor, a forma, o aroma e a textura da Natureza que o envolve. **RC**



“Elefante armado”, in Cristóvão da Costa, “Tratado do Elefante”.

OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

NOTAS

- 1 Para a construção da presente biografia foram analisados os testemunhos autobiográficos que Cristóvão da Costa distribui ao longo das suas obras. O *Tractado de las drogas* (Burgos, 1578) é a publicação mais rica em detalhes passíveis de elucidar os seus passos, pelo que é o mais frequentemente referido. As citações são extraídas da versão portuguesa de Jaime Walter (Costa, 1964). Ver igualmente: Olmedilla Y Puig (1899); Barbosa de Machado (1965); Rodriguez Nodal & Gonzalez Bueno (2000).
- 2 A origem africana de Cristóvão da Costa parece indiscutível. Para além do curto epigrama registado numa das suas obras, Costa assina sempre as suas obras como *Cristobal Acosta el africano*. Não se conhecem dados que permitam localizar com exactidão o seu local de nascimento. As opiniões dos seus biógrafos dividem-se entre Tânger, Cabo Verde e Ceuta. A origem portuguesa parece ser evidenciada por Alonso Gonzalez de la Torre, que no *Dialogo entre Fortuna y Fama al Autor Christoval Acosta* o designa de “*valeroso Lusitano*” (Costa, 1964, fl. XXXVIII).
- 3 Pinto Pereira, 1987, p. 148.
- 4 Pinto Pereira, 1987, pp. 149 e 154.
- 5 Garcia da Orta (Castelo de Vide c.1500-Goa 1568).
- 6 Costa, 1964, fl. XXVII.
- 7 Costa, 1964, fls. XXXII e XXXVII.
- 8 Costa, 1964, p. 14.
- 9 Costa, 1964, p. 12.
- 10 Costa, 1964, p. 72.
- 11 Costa, 1964, p. 215.
- 12 Costa, 1964, p. 125.
- 13 Costa, 1964, p. 109.
- 14 Costa, 1964, p. 195.
- 15 Costa, 1964, p. 280.
- 16 Costa, 1964, p. 221.
- 17 Costa, 1964, p. 139.
- 18 Título concedido por D. Sebastião a D. Luís de Ataíde em Setembro de 1577.
- 19 Costa, 1964, p. 221.
- 20 Costa, 1964, p. 304.
- 21 “Em regimento de Abril de 1576. Tratado e praticado sobre tomar cirurgião, e vistas as diligências que se fizeram em Valladolid, Salamanca, Alcalá, Segóvia, Madrid e outras partes, e as relações que vieram dos cirurgiões que se podiam tratar, acordaram que o corregedor e Melchior Astudillo e Francisco Salamanca tratem com o doutor Costa de Boaventura, médico e cirurgião que presentemente está nesta cidade, que assista e resida nela pelo tempo e pelo salário que melhor lhes parecer, atendendo que se tem dele muito boa relação e experiência, e que ao tempo em que está nesta cidade tem feito muito boas curas, especialmente do mal de urina e carnosidade e outras enfermidades extraordinárias...” (Costa, 1964, fl. XII).
- 22 Juan Costa y Beltrán (c.1549-c.1597), natural de Saragoça, doutor em Leis, regente de Retórica na Universidade de Salamanca (1576-1583) e de Retórica e Código na Universidade de Saragoça (após 1583). Autor de importantes obras, das quais se destaca *El ciudadano*, Pamplona, 1575. Em 1592 foi nomeado cronista de Espanha.
- 23 Costa, 1964, fl. XXXI.
- 24 Rodriguez Nozal & González Bueno, 2000, p.20.
- 25 Em Costa, 1592a, o nosso autor refere deixar “*hijos y nietos*” o que leva a supor a data do seu casamento para as vésperas da sua partida para a Índia ou mesmo para a sua estadia asiática.
- 26 “...y es que aviendo sido casado, por falecimiento de mi consorte me recogí (para mejor de mi alma) en un despoblado, à do composio un libro...” (Costa, 1592b, *Dedicatoria a Infanta D. Catarina de Austria*).
- 27 Costa, 1592b, p. 66.
- 28 Goodman, 1990, p. 265.
- 29 López Piñero, 2002, pp. 564-566.
- 30 Loureiro, 1997, p. 93.
- 31 Costa, 1964, p. 98.
- 32 Costa, 1964, p. 269.
- 33 Costa, 1964, pp. 155-156.
- 34 Costa, 1964, p. 156.
- 35 Costa, 1964, p. 156.
- 36 Loureiro, 1997, pp. 13-14.
- 37 Costa, 1964, fl. XXXII.
- 38 O confronto dos conteúdos das obras de Garcia da Orta e Cristóvão da Costa foi alvo da atenção de autores como Jaime Walter (Costa, 1964), Luís Filipe Barreto (Barreto, 1985), Rodriguez Nozal e Gonzalez Bueno (Rodriguez Nozal & González Bueno, 2000).
- 39 Recordar as “*puras verdades com puro estilo*” da carta de Dimas Bosque a Garcia da Orta (Orta, 1963).
- 40 Otto Brunffels. *Herbarum Vivae Eicones*, Estrasburgo, 1530. Esta obra marca uma viragem, ainda que não definitiva, na leitura estética do mundo natural. O trabalho do desenhador Hans Weiditz, discípulo de Dürer, caracteriza-se por um enorme realismo, apresentando as plantas tal como elas se encontram na natureza.
- 41 Leonard Fuchs, *De Historia Stirpium*, Basileia, 1542.
- 42 Hieronymus Bock, *Kreuterbuch*, Estrasburgo, 1546. Esta edição retoma o texto não ilustrado editado na mesma cidade em 1539, mas inclui figuras retiradas de Fuchs (1542) e de Brunffels (1530).
- 43 Magnin-Gonze, 2004, pp. 60-61.
- 44 Pietro Andrea Mattioli, *Comentarii in libros sex Pedacii Dioscoridis Anazarbei de Medica materia*, Veneza, 1554.
- 45 Arber, 1999, pp. 223-225.
- 46 Costa, 1964, p. 16.
- 47 Costa, 1964, fl. XXVIII. Jaime Walter utiliza a expressão “*mimosos olhos*”. Dado que o texto original refere “*mismos ojos*” optou-se por reajustar a tradução.
- 48 Costa, ao descrever a palmeira compara-a com os palmitos do Algarve ou de África, que lhe parecem ser bastante familiares (Costa, 1964, p. 68).
- 49 Costa representa em tamanho real as folhas de canela, pimenta, pau-da-china e pau-de-cobra.
- 50 Costa, 1964, p. 173.
- 51 Costa, 1964, p. 166.
- 52 Costa, 1964, p. 193.
- 53 Costa, 1964, p. 1.
- 54 Costa, 1964, p. 13.
- 55 Costa, 1964, p. 227.
- 56 Costa, 1964, p. 245.
- 57 Cf. nota 42.
- 58 Cf. nota 43.
- 59 Carolus Clusius ou Charles de l'Écluse (Arras, 1526-Leiden, 1609) foi autor de várias versões de obras sobre matéria médica exótica. Garcia da Orta, Nicolás Monardes, Cristóvão da Costa e Pierre Belon foram alguns dos autores que Clusius deu a conhecer à Europa do Norte através das versões latinas das suas obras.
- 60 Christophe Plantin o “Arquitipógrafo Real” de Filipe II, a par de veículo de propagação da fé cristã, concentrava o poder de divulgar o saber botânico, médico, matemático e cartográfico.
- 61 Carolus Clusius, *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia*, Antuerpia, 1567.
- 62 A canela, a laca, o bedélio, o fólho, o cravo, a pimenta, a fagara de Avicena, o faufel, o anacárdio das boticas ou o caju, entre outras.
- 63 *Della Historia, natura, et virtu delle droghe medicinali...*, Veneza, 1585.
- 64 *Traicté des drogues & médicaments qui naissent aux Indes*, Lyon, 1602.
- 65 Costa, 1964, p. 147.
- 66 Costa, 1964, p. 151.

EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

- 67 Costa, 1964, p. 135.
 68 Arber, 1999, pp. 102-103.
 69 Costa, 1964, p. 239.
 70 Costa, no capítulo da pedra-bezoar, deixa no ar a ideia que tem entre mãos uma outra obra sobre as medicinas, plantas, aves e animais da Índia. O manuscrito, possivelmente redigido, porque dele fala um seu amigo no prefácio do *Tractado en pro y contra de la vida solitaria*, nunca veio a ser editado. Do mesmo modo, ao falar das maçãs-da-índia, Costa afirma claramente que este é o seu primeiro livro, o que faz admitir o projecto de publicação de obras posteriores (Costa, 1964, p. 73).
- 71 Orta, 1963, fl. 83.
 72 Plínio, o Antigo (23-79 a. C.) criou muitos dos mitos que, desde a Antiguidade, circularam sobre a flora e a fauna exóticas. O naturalista associou aos pacatos elefantes virtudes de honestidade, sabedoria, justiça, modéstia ou gentileza. O sentido religioso destes paquidermes, manifestado pela veneração da lua e o respeito pelas estrelas a que Costa se refere, têm igualmente a sua origem nos extensos livros da *Historia Naturalis* de Plínio.
 73 Tesnière, 2005, pp. 71-72.
 74 Tesnière, 2005, p. 101.
 75 Eisenstein, 1991, pp. 226-328.

BIBLIOGRAFIA

- Arber, Agnes. 1999. *Herbals. Their origin and evolution. A chapter in the history of botany 1470-1670*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Barreto, Luís Filipe. 1985. "Da medicina renascentista: o lugar de Cristóvão da Costa na leitura dos Colóquios de Garcia de Orta". *Prelo* (Lisboa), n.º 6, pp. 51-70.
- Clusius, Carolus. 1582. *Christophori Acosta, medici et cheirurgi. Aromatum et medicamentorum in Orientali India nascentium liber*. Antuerpia: Christoph Plantin.
- Clusius, Carolus. 1964. *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia*. Versão portuguesa de Jaime Walter. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Colin, Antoine. 1602. *Traicté des drogues & médicaments qui naissent aux Indes. Servant beaucoup pour l'esclaircissement & intelligence de ce que Garcie du Jardin a écrit sur ce subject*. Lyon: Jean Pillehotte.
- Costa, Cristóvão da. 1592a. *Tractado en contra, y pro de la vida solitaria. Con otros dos tractados, uno de la Religión y Religioso, Otro contra los hombres que mal vivem*. Veneza: Giacomo Cornetti.
- Costa, Cristóvão da. 1592b. *Tractado en loor de las mugeres, y de la castidad, onestidad, constancia, silencio, y justicia : con otras muchas particularidades, y varias historias*. Veneza: Giacomo Cornetti.
- Costa, Cristóvão da. 1964. *Tratado das drogas e medicinas das Indias Orientais: no qual se verifica muito do que escreveu o Doutor Garcia de Orta*. Versão portuguesa de Jaime Walter. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Eisenstein, Elisabeth. 1991. *La révolution de l'imprimé dans l'Europe des premiers temps modernes*. Paris: Éditions La Découverte.
- Fuchs, Leonard. 1542. *De Historia Stirpium*. Basileia: Officina Isingriniana.
- Goodman, David. 1990. *Poder y penuria. Gobierno, tecnologia y sociedad en la España de Felipe II*. Madrid: Alianza Editorial.
- López Piñero, José Maria. 2002. "La Historia natural de las plantas". In *Historia de la ciencia y de la técnica en la Corona de Castilla. Vol. III – Siglos XVI-XVII*. Direcção de Luis García Ballester. Valladolid: Junta de Castilla y León.
- Loureiro, Rui Manuel. 1997. "Notícias da China na literatura Ibérica (séculos XVI e XVII)". *Revista de Cultura* (Macau), n.º 31, pp. 11-16.
- Machado, Diogo Barbosa. 1965. *Bibliotheca Lusitana* (Lisboa, 1741-1759). Edição fac-similada, 4 vols. Coimbra: Atlântida Editora.
- Magin-Gonze, Joëlle. 2004. *Histoire de la botanique*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Mattioli, Pietro Andrea. 1554. *Comentarii in libros sex Pedacii Dioscoridis Anazarbei de Medica materia*. Veneza: Officina Erasmiana.
- Pereira, António Pinto. 1987. *História da Índia no tempo em que governou o visorrei Dom Luís de Ataíde*. Edição fac-similada de Manuel Marques Duarte. Lisboa: IN-CM.
- Olmedilla y Puig, Joaquim. 1899. *Estudio histórico de la vida y escritos del sabio médico, botánico y escritor del siglo XVI Cristóbal de Acosta*. Madrid: Herederos de M. Fernández.
- Orta, Garcia da. 1963. *Colóquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da Índia, e assi dalguas frutas achadas nella onde se tratam algunas cousas tocantes amediçina pratica, e outras cousas boas, pera saber cōpostos pelo Doutor garcia dorta: fisico del Rey nosso senhor, vistos pello muyro Reverendo senhor, ho liçenciado Alexos diaz: falcam desembargador da casa de supricaçaõ inquisidor nestas partes. Com priuilegio do Conde viso Rey (Goa, 1563)*. Edição fac-similada. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Ramusio, Giovanni Battista. 1550. *Delle Navigazioni et Viaggi. Nel qual si contiene la descrizione del l'Africa. Primo volume*. Veneza: Giunti.
- Rodriguez Nozal, R. & González Bueno, 2000. A. *El Tractado de las drogas de Cristóbal Acosta (Burgos, 1578). Utilidad comercial y materia medica de las Indias orientales en la Europa renascentista*. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica.
- Tesnière, Marie-Hélène. 2005. *Bestiaire médiéval. Enluminures*. Paris: Bibliothèque Nationale de France & Seuil.
- Ziletti, Francesco. 1985. *Della Historia, natura, et virtu delle droghe medicinali, & altri semplici rarissimi, che vengono portati dalle Indie Orientali in Europa, con le figure delle piante ritrarte, & disegnate dal vivo poste aluoghi proprij*. Veneza: Francesco Ziletti.